



Ano II — N. 12  
(Fev 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

## SUMÁRIO

### GUERRA REVOLUCIONARIA

A TÁTICA E A ESTRATÉGIA NA GUERRA REVOLUCIONÁRIA  
J. Hogard



## TEORIA DE GUERRA

*Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.*

*A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.*

## DOCTRINA DE GUERRA

*Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, sómente aplicável àquele país e numa determinada época.*

*Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.*

## REGULAMENTO

*Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.*

*Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.*

# GUERRA REVOLUCIONÁRIA

## A TÁTICA E A ESTRATÉGIA NA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Traduzido da "Revue Militaire d'Information" de Junho de 1958

J. HOGARD

### NOTA DO REDATOR

Eis um estudo realmente notável do ponto de vista doutrinário, que submetemos à apreciação dos leitores de "A Defesa Nacional". Sobretudo, pela objetividade dos conceitos visando à tática anti-revolucionária.

Basta, a êste propósito, lembrar os 10 Princípios resumidos no final do trabalho, verdadeiro decálogo para as ações operacionais contra a Guerra Revolucionária. Por outro lado, há que destacar as 5 Fases do desenvolvimento da Guerra Revolucionária, tão bem focalizadas por HOGARD.

Que os camaradas das Forças Armadas possam recolher preciosos ensinamentos desse trabalho de fundo eminentemente filosófico-doutrinário, são os votos que sinceramente formulamos.

Maj A. Raposo Filho

A teoria e a prática da guerra revolucionária começam a ser bem conhecidas na França. Sabe-se hoje que nesta forma de guerra, as populações representam ao mesmo tempo o ambiente onde se realiza a luta, o objetivo dos dois adversários e um dos principais meios de ação. Os processos revolucionários foram estudados e compreendem a dissolução física e moral do corpo social, mediante uma ação no seu interior e outra partindo do seu exterior, simultaneamente com a construção da sociedade revolucionária totalitária no próprio interior da sociedade vigente e as suas custas, até que a primeira se tenha desenvolvido suficientemente para fazer desaparecer a segunda.

Tanto para destruir como para construir, a Revolução recorre, toda vez que se torna necessário, ao processo de militarização da sociedade revolucionária. Finalmente, as técnicas pseudocientíficas que permitem aperfeiçoar êsses diferentes processos têm sido analisadas e descritas; elas atuam sobre os indivíduos da mesma forma que sobre as massas; sobre os espíritos tanto quanto sobre os corpos.

A guerra revolucionária, porém, apresenta uma outra particularidade essencial: ela é realizada por dois adversários dificilmente comparáveis. De um lado a Revolução totalitária demoradamente fraca no sentido clássico da palavra, porém armada de suas técnicas admiráveis, desenvolvendo seus processos insidiosos e eficazes. Do outro lado, as "Fôrças da Ordem", poderosas, porém desprovidas de uma doutrina coerente, de um regulamento bem estudado e rigorosamente aplicado. Antigamente se comparavam certas regiões da Indochina a um jôgo de damas no qual o Viet-Minh usava as pedras negras e as fôrças franco-vietnamenses as amarelas; nossos métodos se aperfeiçoaram depois. Porém, estamos nós certos hoje de combater a "revolução" argelina em todos os terrenos, de uma maneira perfeitamente coerente e eficaz?

Um exército em combate tem necessidade de uma doutrina, de um regulamento. Os revolucionários totalitários têm os seus. O estudo que se segue representa o desejo de contribuir para precisar o que pode ser a nossa doutrina e o nosso regulamento.

#### PRIMEIRA CONDIÇÃO DE SUCESSO — A DETERMINAÇÃO

Durante muito tempo acreditou-se, (e alguns ainda acreditam) que a guerra revolucionária era um fenômeno espontâneo, surgido das aspirações profundas das massas populares por uma sorte melhor ou pela "independência". Sabe-se hoje que esse conceito não é verdadeiro; a guerra revolucionária é perfeitamente artificial; sua causa manifesta-se através da vontade de uma organização política totalitária que quer conquistar o Poder para ela sómente. Está claro que para dissolver a sociedade que ela ataca, esta organização deve utilizar todos os "antagonismos internos" desta sociedade: sociais, éticos, políticos e outros. Ela, porém, domina as populações mediante o emprêgo de técnicas, hoje, aperfeiçoadíssimas apoiadas numa ideologia bem escolhida e adaptada às massas que pretende conquistar. Mesmo uma sociedade relativamente equilibrada pode estar sujeita a uma guerra revolucionária.

Conclui-se que é inútil esperar uma "solução" nas "negociações" ou em "reformas". Os chefes da rebelião querem o Poder total, sómente para eles. Com o mesmo objetivo eles consideram as negociações apenas como uma pausa, um meio de aumentar seu prestígio, de exaltar o moral dos seus partidários, de convencer os neutros e os hesitantes de sua vitória inevitável, de desmoralizar as fôrças da ordem legal. Utilizadas com essa finalidade, as negociações aceleram o progresso da guerra revolucionária e desencadeiam, na maioria das vezes, a contra-ofensiva geral mais cedo do que se previa. Não falta exemplo de uma tal evolução de situação: lembremos por exemplo, a influência decisiva da conferência de Genebra sobre as operações no norte da Indochina.

Em uma guerra do tipo revolucionário, só se pode pensar em negociações com alguns aliados provisórios da Revolução, que pretendam objetivos parciais diferentes daqueles que a organização política totalitária, ambiciona. É possível, com efeito, acalmar tais adversários asseguran-

do-lhes uma situação livre de qualquer perigo; se êles forem sinceros e suficientemente esclarecidos pode-se até, algumas vêzes, tentar atraí-los para o campo da legalidade. Porém, os revolucionários autênticos só consentem em negociar com o objetivo de enfraquecer seus inimigos.

“Reformas” destinadas a satisfazer as aspirações profundas do povo não são mais que uma “solução”. Essas reformas não são inúteis; veremos que elas são mesmos *indispensáveis*; porém, são insuficientes: a organização revolucionária não pode aceitá-las porque se tal acontecesse uma de suas armas desapareceria com a supressão das causas do descontentamento. Por isso, o Partido ou as ridiculariza, exigindo-lhes o impossível, ou expressamente as sabota; os camponeses argelinos que tinham aceitado terras em decorrência da reforma agrária foram ameaçados e algumas assassinados pelos rebeldes; os membros das “delegações administrativas especiais” (novas municipalidades) foram igualmente objeto de atentados terroristas.

As reformas efetivadas com bastante antecedência, quando a revolução ainda se mantém muito poderosa, podem ser até perigosas. Os rebeldes, com efeito, se servem delas para persuadir as massas de que o Poder se sente fraco, uma vez que faz concessões; Impedindo-as de concluir realizações concretas e retirando-lhes a substância, contribuem também para desmoralizar o povo e para convencê-lo da impotência da ordem estabelecida para se renovar e progredir.

Não seria demasiado insistir sobre este primeiro caráter da guerra revolucionária, seu aspecto “total”. A luta só pode terminar com o triunfo de um dos dois adversários: o governo legal ou a rebelião. Não há meio termo, porque é próprio da revolução totalitária ser intransigente e explorar, em proveito próprio, as tentativas de conciliação (1).

O primeiro princípio que se impõe na conduta de uma guerra contra um movimento revolucionário é, portanto, o princípio da *determinação*.

“Tratar de igual para igual com a revolução totalitária não põe fim ao seu designio; apenas facilita e ajuda seu sucesso”. (1º princípio).

Não há “solução política” em uma guerra revolucionária: o poder legal está condenado à vitória ou ao aniquilamento.

#### É POSSÍVEL BLOQUEAR O MECANISMO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

O processo típico da guerra revolucionária se divide geralmente, no tempo e no espaço, em cinco fases que podem ser caracterizadas, como se segue:

1º — *Entrada em ação de uma infra-estrutura clandestina*, uma organização constituída de ativistas e de agitadores propagandistas que for-

(1) Notemos bem que, se uma revolução fosse verdadeiramente espontânea, desejada pelo conjunto do povo e não artificialmente por uma organização política, seria possível fazê-la cessar mediante negociações e reformas. Porém, não pode ser assim no caso da guerra revolucionária tal como os comunistas e seus discípulos a fazem, por isso que o propósito desta guerra é justamente se *apoderar* das massas por meio de técnicas particulares e pelo terror. Se os muçulmanos da Argélia desejassem verdadeiramente a separação da França, a F.L.N. (Frente de Liberação Nacional) não teria necessidade de assassinar milhares para fundar seu domínio.

mam o núcleo revolucionário; *agitação* conduzida pelo núcleo objetivando a agravar os "antagonismos internos" da sociedade atacada.

2º — Ampliação dessa organização; *infiltração* de elementos revolucionários no maior número possível de órgãos do Estado e da sociedade; descontentamento contra a sociedade estabelecida e *propaganda* em favor da ideologia revolucionária; criação de um "clima" favorável (algumas vezes aparecimento de desordens e mesmo de sabotagem e de terrorismo). A finalidade desta fase é criar uma "situación revolucionária".

3º — Utilização da violência sistemática; generalização do *terror*; *ruptura* do contato físico e psicológico entre as massas e a elite da sociedade; aparição de uma *administração revolucionária clandestina* que enquadra paulatinamente a população; criação de "bases" parciais onde fôr possível; desenvolvimento do *espírito de guerrilha*.

4º — Criação de "zonas liberadas" onde a administração revolucionária se torna oficial e onde se procura instalar um *governo insurreccional*; criação de um *exército pseudo-regular*.

5º — Quando as zonas liberadas se tornam bastante extensas, bastante ricas em recursos de toda espécie e o resto do país muito pobre: "contra-ofensiva geral" tanto política e psicológica como militar.

A análise desse processo nos leva a descobrir uma primeira fraqueza do adversário: atacado a tempo, todo o mecanismo pode facilmente ser bloqueado. O inimigo só pode iniciar uma fase do seu empreendimento quando a fase precedente foi conduzida com êxito. É impossível, para ele, desencadear a guerrilha se suas bases ainda não estão bastante garantidas, não são suficientemente numerosas, e se o clima geral não é muito favorável. É impossível criar um exército regular, dar-lhe uma aparência de legalidade se não existem ainda "zonas liberadas".... O governo francês tem explorado essa fraqueza; ao permitir o esforço necessário para esquadrinhar a Argélia, ele bloqueou o mecanismo da guerra revolucionária na terceira fase, impedindo aos rebeldes a criação e a livre utilização de "zonas liberadas"; dessa forma fez fracassar todas as possibilidades de criação de uma "República Argelina" e de um exército regular, de serem os rebeldes "reconhecidos" pelos Estados comunistas, árabes e neutralistas. Não há mais esperança de vitória para a "revolução" argelina, pelo menos no plano local; enquanto o governo assim quiser, assim será, com pequenas despesas.... Aconteceu a mesma coisa em 1947-48, na Metrópole, quando a atitude resoluta do Poder e das autoridades impediu o partido de passar da segunda para a terceira fase (ou talvez diretamente para quinta?). Na Grécia, o Marechal Papagos não agiu de outro modo quando aproveitando o êrro cometido pelos insurretos ao passarem precipitadamente para a quarta fase, reduziu ao nada todo o seu empreendimento. O tema favorito dos nossos adversários a respeito do "determinismo histórico" tem assim, muitíssimas vezes, recebido desmentidos categóricos. Este espantalho que causou e ainda causa tanto mal, não mais pode fazer medo senão àqueles que não têm coragem de enfrentá-lo.

Enquanto o momento da "contra-ofensiva geral" não houver soado, é sempre possível a um governo decidido bloquear o mecanismo da guerra revolucionária empenando meios suficientes. Até à quinta fase, com efeito, quando a balança se inverte, os meios da autoridade legal permanecem sempre muito superiores aos da Revolução.

Enfrentada a tempo, a situação exige um esforço mínimo. Durante a primeira ou a segunda fase, a administração normal — ajudada por alguns gendarmes e policiais — pode ser suficiente, desde que ela seja ativa, eficaz e realmente onipresente. Mais tarde, batalhões serão necessários; no limite, desde que se tenha deixado agravar a situação, a ponto de ser preciso reocupar "zonas liberadas" e fazer malograr a "guerra de movimento", serão necessárias divisões.

O segundo princípio da tática contra-revolucionária pode portanto ser enunciado:

*"O processo da guerra revolucionária pode ser bloqueado tanto mais facilmente quanto mais cedo fôr combatido. Esta batalha de contenção se apóia na onipresença permanente das fôrças da ordem" (2).*

Por "Fôrças da Ordem" é preciso compreender também tanto a administração (no sentido amplo) como o organismo judiciário, a gendarmeria, a polícia... e se preciso, o Exército; em resumo, todos os representantes da autoridade legal.

#### A AÇÃO DECISIVA CONSISTE EM DESTRUIR O "ORGANISMO" POLÍTICO REVOLUCIONÁRIO

Consciente do seu poder e da sua vontade, um governo, que dessa forma tiver contido o processo revolucionário, poderá esperar tranquilamente, sem relaxar sua pressão, que o cansaço das populações e das guerrilhas ponha, por si mesmo, fim à luta. Não faltam exemplos de uma tal tática na História; é a "solução" chamada "militar". Porém, para alcançar a vitória dessa forma, é preciso esperar muito. É de temer-se que a opinião pública, nacional e internacional, cedo se canse e exerça pressão sobre o governo e que este, por fraqueza, concorde em "negociar".

Na época moderna, cada cidadão tem suas próprias idéias sobre a política do Estado e reclama "soluções" rápidas.

Por isso é preciso iniciar a ofensiva e obrigar a Revolução a bater em retirada.

A análise do processo da guerra revolucionária sob o ângulo dos métodos nós indica onde levar o esforço. Sabe-se que o inimigo conduz,

(2) Compreende-se, desde já, que este método será tanto mais eficaz quanto mais isolado do exterior estiver o território em guerra e quanto menos apoio de toda espécie (em particular político e moral) receberem os rebeldes. Este problema será examinado depois.

do princípio ao fim, uma dupla ação: — dissolução física e moral da sociedade estabelecida; construção no próprio interior dessa sociedade, da sociedade revolucionária tanto mais coerente e dinâmica quanto mais ela fôr militarizada. A vitória é obtida quando a segunda tem suficiente desenvolvimento para fazer a primeira dissolver-se. Ora, ambos êsses designios se apóiam na presença e na atividade do “núcleo” revolucionário, essa rôde de quadros, de agitadores, de propagandistas e de matadores. É esse núcleo que assegura o contrôle da população (com exclusão eventual de suas fôrças armadas) lançando em ação suas técnicas de conquista dos corpos e dos espíritos. É portanto êle — e só êle — que deve ser considerado como inimigo. Neutralizá-lo, destruí-lo se possível, é a missão essencial.

O terceiro princípio da tática contra-revolucionária sé expressa portanto assim:

*“A vitória contra a Revolução, armada ou não, repousa essencialmente na destruição do “núcleo” revolucionário. Este “núcleo” deve ser considerado como o verdadeiro inimigo.”*

A organização adversa é sempre pouco numerosa. Ramificada ao extremo para conduzir eficientemente sua ação, ela é sempre vulnerável (3), sobretudo no início quando, em face de um Estado forte, senhor de sua armadura administrativa, policial e militar, ela está só, sem população conquistada para cobri-la e sem fôrças armadas para protegê-la. Empreendido a fundo na Argélia de 1954, o desmantelamento da organização revolucionária nos teria poupad o muitos aborrecimentos.

Caso se permita que a situação se degenera e que a organização chegue a controlar todo ou parte do povo, a tarefa será mais difícil, porque a população com seu poder a cobrirá. É ainda possível neutralizá-la parcialmente mediante a onipresença constante e uma vigilância assídua das Fôrças da Ordem, porém sua destruição completa requer, a partir dêsse momento, a ajuda dos habitantes. É preciso, portanto, obter o concurso, no mínimo, de uma parte dos habitantes.

*“A vitória contra a Revolução, armada ou não, exige a conquista (ou a conservação) de um amplo apoio popular.” (4º princípio).*

#### A CONQUISTA (OU A CONSERVAÇÃO) DO APOIO POPULAR

A conquista (ou a conservação) do apoio popular é, portanto, ao mesmo tempo o objetivo do Poder legal e um meio essencial para a vitória. Será únicamente na proporção em que as Fôrças da ordem

(3) Na Argélia, foi suficiente prender algumas centenas de dirigentes e de matadores para trazer a segurança e o sorriso aos lábios dos franceses muçulmanos; a greve imposta rapidamente cessou, as crianças retornaram ao caminho das escolas, etc.

souverem aproveitar o apoio da população que elas alcançarão os dois objetivos que lhes serão designados:

— impedir o inimigo de obter do povo os recursos morais e materiais de que necessita para reforçar-se pouco a pouco, até tornar-se mais forte do que a autoridade estabelecida e, então, desencadear a sua contra-ofensiva geral;

— obter o concurso da população para destruir o organismo revolucionário e impedi-lo de se reconstituir.

E, portanto, o Homem que é preciso conquistar e uma vez que o Homem é ao mesmo tempo Espírito e Corpo, a luta será antes de tudo psicológica.

Sob esse aspecto, a ação das Fôrças da ordem (no sentido amplo) será grandemente facilitada pelas contradições que existirão sempre no meio adversário totalitário. Será suficiente tornar "subjetivas" as mentiras "objetivas".

Mentiras, de início, entre a ideologia verdadeira do partido revolucionário e aquela que ele se utiliza para apoderar-se das massas. A ideologia marxista-leninista é obrigatoriamente esotérica; apenas uma pequena élite pode compreendê-la e submeter-se ao que se tem denominado "a tentação marxista" da ação. Para atingir as massas, o comunismo é obrigado a mentir e a utilizar a lei moral "burguesa" que ele despreza. Quando Hitler atacou a Tcheco-Eslováquia agiu de acordo com a doutrina nazista; o conjunto do seu povo, provisoriamente magnetizado, o seguiu sem refletir. Porém quando os comunistas massacraram os húngaros eles foram obrigados a enganar as multidões e mesmo as suas próprias tropas para justificar-se, porque sua ação, perfeitamente de acordo com sua verdadeira ideologia, era contrária ao que eles alardeavam. Os eleitores comunistas e muitos dos militantes categorizados (e mesmo das elites), estão persuadidos, no seu íntimo, do valor absoluto da nossa moral; seus chefes são obrigados a, perpétuamente, lhes falsear a verdade a fim de conservá-los em sua companhia.

Se não é inteiramente assim para os revolucionários de outras crenças, é, pelo menos, certo que há sempre diferenças importantes, muitas vezes mesmo, oposições entre as convicções dos dirigentes e a ideologia que eles pregam a suas tropas para galvanizá-las. Não é segredo para ninguém que a maior parte dos chefes revolucionários da África do Norte é constituída de incrédulos que "utilizam" o Islan para vencer, de Cabilas que se servem do pan-arabismo, de sectários fanáticos que se impõem a liberdade (4).

A segunda contradição, a segunda mentira é flagrante: — ao serviço de uma causa que procura apresentar como nobre, elevada, a revolução

(4) Ou para alguns dentre eles, na verdade sem influência, "liberais" dentro de uma engrenagem totalitária.

totalitária emprega processos criminosos que repugnam naturalmente aos homens.

O constrangimento dos espíritos, a violência física e psicológica, o terrorismo, não são, normalmente, aceitos pelas multidões. Sómente à custa de pressões morais e materiais é que os revolucionários conseguem justificá-los perante as massas (5).

É, portanto, possível, desde que se adotem técnicas que tornem nossas ações eficazes, atuar sobre essas contradições profundas, expondo claramente as mentiras de propaganda do adversário e, assim, fazer voltar-se essa propaganda contra nossos inimigos. Nossa ação psicológica positiva será vigorosa, ao contrário de estar ao serviço da boa fé. Definitivamente, os valores verdadeiros da nossa civilização e da nossa moral são naturais aos homens, quer eles sejam brancos, morenos, amarelos ou Pretos. Deveria ser fácil, por exemplo, nesta Argélia que assistiu o 1789 de sua tórra, mostrar aos franceses muçulmanos que o progresso do homem, com liberdade e dignidade, sómente pode ser conseguido por intermédio da França e que a vitória da F.L.N., se ela significasse talvez a independência coletiva (6) não poderia deixar de desembocar sobre um sombrio futuro de opressão e de regressão social e humana.

Já existem bastantes franceses muçulmanos que sentiram ser a nossa civilização boa, porque a "justiça" sumária dos degoladores da F.L.N. lhes apareceu sob o seu aspecto verdadeiro: uma volta à mais sombria barbárie. Que seria de um Estado alicerçado sobre tais auspícios? Pessoas evoluídas como M. Farhat Abbas estão certamente angustiadas; porém muitos outros argelinos, entre os humildes, o sentem também e, por certo, nos dizem...

Fixar com precisão os conceitos que se assenhoream de nós e nós os incorporamos, compreender nosso dever de divulgá-los, tais são as condições que colocarão as Forças morais do nosso lado. Difundir êsses conceitos tal é a "arma fundamental" indispensável ao nosso combate.

"A conquista psicológica da população (ou a conservação da sua adesão moral) se apóia de um lado sobre a exploração das contradições ideológicas fundamentais da Revolução e do outro sobre a Fé, nos conceitos universais da civilização e na difusão desses conceitos". (5º princípio).

Entretanto, o homem não é sómente o Espírito; ele é igualmente Corpo e, se o espírito guia o corpo, ele sofre também sua influência. Seria inéquo defender a mais nobre causa, pôr ao seu serviço a mais hábil ação psicológica, se esta ação não se apoiasse sobre realizações

(5) Parece que êles (os revolucionários) conseguem essa justificativa mais facilmente entre os "intelectuais", na proporção em que êsses mais sofisticados, tenham perdido seu bom senso.

(6) "Talvez" porque uma Argélia "independente" parece uma utopia aos espíritos mais esclarecidos.

materiais concretas. A Fé e a Esperança que nós nos esforçamos por propagar têm necessidade dêste apoio. A população libertada — ou simplesmente ameaçada — deve ser beneficiada com a administração eficaz e humana, com a justiça equitativa e rápida a que ela tem direito; deve encontrar um trabalho justamente remunerado, desfrutar de todos os progressos desejáveis no domínio social, sanitário, cultural, etc. . . .

Sómente nessas condições a luta psicológica poderá apoiar-se sobre um suporte material que, definitivamente, fará pender a balança para o lado do Poder legal.

*Isto significa que a luta deve ser conduzida em todos os domínios: — administrativo, econômico e social, tanto quanto no cultural e psicológico.* Não se trata de manter a "ordem" antiga porque uma sociedade estática está condenada a desaparecer. A luta contra a Revolução supõe que a sociedade estabelecida continue a se desenvolver e progredir, possibilitando às massas nela condensar suas esperanças. Em uma palavra, numa guerra revolucionária é impossível "manter a ordem": é preciso criar uma "ordem" nova, aberta às possibilidades indefinidas do progresso.

*"A conquista ou a "conservação" do apoio popular se apóia no aperfeiçoamento contínuo da ordem antiga visando uma ordem nova capaz de condensar as esperanças das populações". (6º princípio).*

Porém a ação psicológica e a ação material sobre a qual ela se apóia não são suficientes. O adversário sabe perfeitamente, quem se esforça por aplicá-las aos meios organizados por ele. Tanto para preservar uma população ainda só como para assegurar os sucessos que obtivermos ao desmantelar uma base inimiga, é preciso a nós também, organizar (ou reorganizar) as populações, para torná-las capazes de resistir, por si mesmas, às investidas revolucionárias. É fácil ao adversário apoderar-se de multidões em desordem ou destruir uma sociedade corrompida; é-lhe impossível conquistar uma sociedade dinâmica, organizada sem ele, portanto, contra ele.

Conseqüentemente só é preciso conservar das nossas velhas estruturas, aquelas que são indiscutíveis, aperfeiçoando-as de maneira a organizar ou reorganizar coletividades que condensarão as verdadeiras aspirações da população contra o totalitarismo adverso. Com esse objetivo é indispensável favorecer as associações sindicais, profissionais (7), culturais ou mesmo esportivas; dar às coletividades locais o prazer e a possibilidade de participar da direção dos seus negócios, interessá-las na melhoria de sua própria sorte. Se o inimigo usar a violência, o objetivo será plenamente atingido no dia em que essas coletividades tomarem com suas próprias mãos sua defesa, realizando a autodefesa. Esta, certamente, jamais deve ser imposta, compete-nos porém fazer surgir o desejo de criá-la, organizá-la e apoiá-la. Quando as populações de uma região estão grupadas e armadas, resolvidas a não mais aceitar o jugo

(7) Os outros combatentes, por exemplo.

dos rebeldes, a partida está ganha, mesmo que se produza um insucesso militar isolado; a "base" revolucionária estará, a partir de então, substituída pela nossa, e será mais impermeável ao adversário do que o foi para nós. A autodefesa é, em última análise, a aplicação pelo Poder legal de um processo revolucionário: — militarizar (no que diz respeito ao local e provisoriamente) uma sociedade para torná-la mais coerente e mais dinâmica, física e moralmente.

Tôdas essas organizações devem ser animadas por homens indiscutíveis que nos cabe selecionar e, por vêzes, formar. Muitos dentre eles deverão ser "homens novos", freqüentemente saídos do povo, porque é muito mais fácil à Revolução desmoralizar e isolar os antigos notáveis. Um homem rude, experimentado sob a ação do fogo, se revela muitas vêzes um chefe de autodefesa mais resoluto e mais eficiente do que o ex-prefeito ou o chefe político local; élé tem, também, muito a ganhar ao nosso lado.

Essas considerações conduzem a enunciar o seguinte princípio:

*"A conquista (ou a conservação) do apoio popular exige a ORGANIZAÇÃO DO MEIO. Esta organização deve, em caso de necessidade e onde fôr preciso, tomar, provisoriamente, uma forma militar, sobreposta à organização civil".* (Autodefesa).

*"Esta organização, em particular sob sua forma de autodefesa, será tanto mais sólida quanto mais estiver de acordo com o desejo da população e quanto mais fôr encorajada por personalidades enérgicas e indubitáveis".* (7º princípio).

#### A CONQUISTA (CONSERVAÇÃO) DO APOIO POPULAR SE APÓIA, TAMBÉM, NA DESTRUIÇÃO DAS FÔRÇAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS

Quando as populações estão, no todo ou em parte, controladas pelos rebeldes, será vão, durante êste tempo, esperar reconquistá-las, sem lhes inspirar a confiança em nossa fôrça. É preciso persuadi-las de que estamos mais fortes do que a Revolução; se esta pôde dispor de fôrças armadas organizadas, é necessário, então, começar a luta contra elas e conduzi-la eficazmente, tanto para adquirir o respeito e a confiança dos habitantes como para fazer cessar a coação decorrente da proximidade de fôrças rebeldes e para poder restabelecer o contato mediante nossa presença suficientemente diluída e "infiltrada".

*"A conquista (conservação) do apoio popular está ligada ao prosseguimento de uma luta eficaz contra as fôrças armadas revolucionárias".* (8º princípio).

Se o processo da guerra revolucionária atingir a quarta fase e fôr preciso destruir um exército pseudo-regular, os combates apresentam, aparentemente, o aspecto das batalhas clássicas de outrora (guerra de

movimento). Porém a natureza é diferente. A "Fôrça principal" revolucionária atua na realidade pelo exterior à maneira de uma super-guerrilha. Ela, praticamente, não pode ser fixada e os seus elementos destruídos se reconstituem facilmente. É impossível destruí-la por meio da batalha. O único meio de se obter êxito é pela asfixia mediante a supressão das "zonas liberadas" das quais ela tem necessidade para viver. Isto significa que se deve dispor de suficientes efetivos para ocupar essas "zonas liberadas" e forçar o exército regular a se dissolver em guerrilhas.

*"A destruição das Fôrças pseudo-regulares revolucionárias não pode ser obtida por meio da batalha. Porém é possível sufocá-las e forçá-las a passar novamente à guerrilha, ocupando, à fôrça, as zonas de onde ela retira seus recursos humanos e materiais". (9º princípio).*

É preciso evidentemente grande efetivo para realizar essa missão. Caso se disponha de tropa com efetivo bastante reduzido a ação será obrigatoriamente progressiva (8). A vitória, porém, será apressada com a queda do moral das tropas revolucionárias e com a diminuição do prestígio que acarretará à Revolução a perda dos territórios "liberados" e a obrigação de retornar da guerra de movimento para a guerrilha. Tal ocasião bem explorada (em particular pela ação psicológica) pode ser o comêço da "contra-ofensiva geral" pelas fôrças da ordem, e pode abreviar, assim, consideravelmente, a duração da guerra.

A destruição das guerrilhas baseia-se, desde o início, no mesmo processo de "esmigalhamento", mas exige, igualmente, que se lhes retire a ajuda da população. Finalmente nunca se deve esquecer que o moral das guerrilhas é frágil; ele se apóia no sentimento de invulnerabilidade, na certeza de manter a iniciativa, de sempre fustigar com o forte ao fraco. Se ao contrário, mesmo sem as importunar freqüentemente, sabe-se dar-lhes a impressão de que estão sendo constantemente perseguidas, sua combatividade diminui rapidamente, tornam-se sem vigor e acabam por dissolver-se. É infinitamente melhor encurralar permanentemente as guerrilhas e matar diariamente um ou dois de seus homens do que atacá-los uma vez por mês, ou alcançar um grande êxito uma vez por ano. A contra-guerrilha se apóia não sobre "grandes operações" esporádicas, comportando o emprêgo de importantes meios, porém sobre uma atividade incessante de pequenas unidades implantadas na zona, conhecendo bem o terreno e respectiva população, aptos a obter, facilmente, com seus próprios meios, suas informações e explorá-las rapidamente.

*"O único método para reduzir as guerrilhas à impotência e depois fazê-las desaparecer, consiste (retirando-lhes sempre a ajuda da população) em esgotá-las mantendo-as permanentemente cercadas por unidades adequadas (9) atuando sempre na mesma zona, entre a população que elas muito bem conhecem. (10º princípio).*

(8) Este problema será estudado adiante.

(9) Em qualidade e quantidade.

*Dispersar grandes efetivos "em proteção" de zonas, eixos e pontos sensíveis é um grave erro". Tal providência conduz ao abandono da iniciativa às guerrilhas que se tornam cada vez mais audaciosas, à desmoralização das Forças da ordem e da população. É preciso, então, cada vez mais tropas para proporcionar uma segurança cada vez mais precária.*

*"A segurança se apóia, antes de tudo, na criação de uma insegurança constante para as guerrilhas; insegurança esta que lhes retira a liberdade de ação". (11º princípio).*

#### TODAS ESSAS AÇÕES DEVEM SER CONDUZIDAS SIMULTANEAMENTE E DE MANEIRA INTEGRAL

Da mesma forma que o organismo revolucionário realiza uma dupla ação de dissolução da sociedade estabelecida e de construção da sociedade revolucionária (que ele militariza para torná-la mais flexível e mais coerente) as Forças das ordem devem, portanto, cumprir três missões diferentes:

- destruição do organismo político-administrativo do adversário;
- destruição das Forças Armadas revolucionárias;
- conquista (ou conservação) direta do apoio popular, por meio da ação psicológica, pela organização do meio (10) e pelo progresso contínuo do seio da sociedade estabelecida.

As duas primeiras ações visam a destruir a sociedade revolucionária; a terceira tem por finalidade fortalecer a sociedade estabelecida fazendo-a progredir moral, intelectual e materialmente. Porém seria imprudente estas diferentes tarefas. Da mesma forma que o empreendimento adverso só é eficaz se for coerente consigo mesmo, nosso trabalho só será coroado de sucesso se ele for inteiramente "integrado".

As três ações descritas são com efeito inseparáveis no tempo e no espaço. É impossível destruir o organismo revolucionário sem a ajuda de uma parte mínima dos habitantes ou se ele é protegido por poderosas forças armadas; porém a população só se empenhará verdadeiramente ao nosso lado se as tropas rebeldes estiverem mal dirigidas e, principalmente, se a autoridade do organismo revolucionário estiver enfraquecida. É inócuo aniquilar as unidades inimigas se a população as apoia, logo se e a está ainda controlada pelo organismo político-administrativo intato ou se suas simpatias tendem para a Revolução.

Tudo isto parece um círculo vicioso, porém a experiência prova que o menor sucesso obtido em qualquer dessas três ações repercute, no mesmo instante, sobre as outras duas. A captura das elites políticas de uma aldeia, tira aos camponeses o medo, "solta-lhes as línguas" e permite destruir um destacamento de guerrilha; de outra forma a captura de um guerril-

(10) Em particular, se houver necessidade, por meio da miliciarização provisória (autodefesa).

lheiro põe, às vezes, as Fôrças da ordem em condições de destruir uma célula política; do mesmo modo, felizes medidas administrativas, econômicas ou sociais são suficientes, por vezes, para restituírem a confiança aos habitantes que abandonam espontâneamente seu comissário político, etc.

Em resumo, parece que é impossível separar, durante a ação, as diversas atividades da luta contra a Revolução. Realmente, porque é absurdo pretender reservar aos gendarmes e aos policiais a destruição do organismo subversivo, ao exército a luta contra as fôrças armadas rebeldes e à administração, ajudada pelas assistência médica, magistério, obras públicas, etc., a tarefa chamada "de Pacificação" (como se a destruição da infra-estrutura política e dos bandos revolucionários não fosse essencial à pacificação)! A guerra revolucionária desorganiza a sociedade, impede os representantes da autoridade civil de cumprir normalmente sua missão e com mais forte razão de executar tôdas as novas missões que se impõem. Administradores, homens públicos, médicos, mestres, funcionários públicos ameaçados não podem mais viver isolados, inspecionar seus subordinados ou seus setores de trabalho, nem dirigir seus cursos sem proteção; gendarmes e policiais não são mais suficientemente numerosos e vêm sua liberdade de ação se restringir. De outra parte, o Exército tem constantemente necessidade de ajuda dos civis, em particular no domínio da logística e das informações. Sem um contato estreito e permanente com a população, ele não pode obter nenhum sucesso importante. Finalmente, seria insensato não aproveitar o esquadrinhamento que os efetivos militares permitem para multiplicar a ação das autoridades civis sobre a população. Compreende-se porque o Exército Francês na Argélia foi levado a participar no desmantelamento da trama rebelde, a abrir oficinas, a construir novas aldeias, assegurar em parte a assistência médica, o funcionamento das escolas e até de agências de correios, etc. É, realmente, impossível separar as diferentes tarefas da pacificação. O Exército deve tomar sob sua responsabilidade, de acordo com as circunstâncias, tôdas as tarefas que os civis não mais possam cumprir eficazmente. Inversamente, os civis devem lhe dar sua ajuda tôdas as vezes que estiverem em condições de fazê-lo, orientando e conduzindo sua ação em íntima união com os militares.

*"A Pacificação é um todo. O sucesso da luta contra a revolução exige em todos os escalões a integração, em uma única ação global, de tôdas as ações particulares civis e militares prèviamente reconhecidas como necessárias. (12º princípio).*

#### UMA TÁTICA "GERAL"

Ao ensaiar-se traduzir em termos militares (uma vez que também se trata de uma "guerra") tôdas as conclusões precedentes, surge imediatamente que a integração das diferentes ações reconhecidas necessárias não é senão a realização de uma tática verdadeiramente "geral", por isso que se manifesta em todos os domínios da atividade humana e em-

prega os meios civis e militares. Ao lado da tática militar haverá, para o futuro, uma tática psicológica, uma tática econômica, uma tática social, etc.; essas diferentes táticas, como outrora as táticas das armas (infantaria, cavalaria...), só serão eficazes se se integrarem no seio de uma tática que se chamava antigamente "geral", porque era "interarmas" porém que, hoje, comprehende diversos ramos civis.

O segundo princípio, pode, portanto, se expressar sob a forma seguinte que resume tôdas as precedentes:

*"A conduta da luta contra a Revolução só pode ser concebida como a aplicação de uma tática verdadeiramente "geral" (no sentido "civil — militar" e não mais "interarmas"), que combine, em todos os escalões, os meios de toda natureza, políticos, psicológicos, administrativos, judiciários e policiais, econômicos, sociais, culturais, militares, tendo em vista conservar (ou conquistar) o apoio popular ao governo legal e, simultaneamente, destruir o núcleo e as forças armadas revolucionárias."*

A aplicação dêste princípio essencial impõe evidentemente a existência em todos os escalões até o mais baixo de uma "cabeça" para conceber e realizar esta tática de uma maneira perfeitamente coerente adaptada ao meio e ao inimigo locais e aos meios de que se dispõe. A única solução realmente satisfatória consiste na designação de um chefe e de um único (11). Pouco importa que ele seja civil ou militar. É, porém, essencial que ele tenha plena consciência da natureza total da luta, que conheça seu adversário, que disponha de todos os meios necessários e que saiba se servir dêles. De acordo com a situação e a dosagem dêsses meios, pode-se logo ser levado a confiar o comando seja a um civil, seja a um militar. Conclui-se, assim, que freqüentemente um estará sob as ordens do outro. Uma tal mistura das hierarquias não se fará harmoniosamente senão se uns e outros se conhecerem bem e aplicarem a mesma doutrina. O terceiro princípio deve logo ser completado assim:

*"A aplicação dêste princípio essencial implica a realização da unidade de comando (no mínimo moral e intelectual)."*

A Unidade de Comando exige a unidade de doutrina. Ela se traduz pela elaboração e a execução, em cada escalão, de uma verdadeira "idéia de manobra" adaptada à situação local e obedecendo aos princípios enumerados anteriormente. Ela implica na unificação da organização da informação, etc.

#### TÁTICA E ESTRATÉGIA

Na guerra clássica, a estratégia e a tática diferiam principalmente por sua natureza; a estratégia geral, relativa à conduta da guerra, com-

(11) Se o comando é "colegiado" o sucesso repousa na boa compreensão de muitas pessoas. Uma tal forma tem algumas vezes sido feliz; não se deve fazer dela uma regra de organização.

preendia um ramo econômico, um ramo político e diplomático, um ramo militar, etc. A tática denominada "geral" era estritamente militar e só dizia respeito à conduta do combate por meio da combinação das armas.

Esta distinção essencial desapareceu com o advento da guerra revolucionária. Mesmo nos pequenos escalões (comandante de posto ou comandante de subquarteirão) a ação de comando sobre o território obriga, como se viu, a conduzir uma ação geral, combinando meios de toda espécie e atuando em todos os domínios, tanto civil como militar. Se geralmente subsiste uma tática militar (combates, emboscadas, reconhecimentos, etc.) esta tática militar deve ser integrada na tática geral civil-militar. Esta integração é tão essencial, desde que os pequenos escalões, que a estratégia militar tende a desaparecer na maior parte das guerras revolucionárias. Todos os problemas militares que se apresentaram nestas guerras eram problemas táticos e não estratégicos (estes reapareceriam apenas numa guerra revolucionária violenta e em grande escala, mundial, por exemplo). Pode-se logo perfeitamente dizer que não há mais diferença de "natureza" entre a estratégia e a tática geral.

Porém a estratégia e a tática se distinguem ainda por dois pontos: os prazos em que elas se executam e o escalão no qual elas se realizam. Se a primeira diferença tende a desaparecer (para pacificar uma aldeia ou um "aduar" faz-se o cálculo em meses como em estratégia) a segunda subsiste. No nível de comando correspondente a teatro ou governo as preocupações permanecem estratégicas; o nível de comando de departamento (\*) de zona ou de setor, elas permanecem táticas.

Se não existe mais diferença de "natureza" entre estratégia e tática, todos os princípios que temos enunciado anteriormente são igualmente aplicáveis à estratégia. Ao se refletir sobre o assunto, não se poderá deixar de ficar admirado, por isso que a Revolução aplica os mesmos métodos e executa os mesmos processos tanto para criar uma pequena base como para conquistar o mundo. Guardadas as devidas proporções, as preocupações de um comandante de posto isolado da Argélia são da mesma natureza que as do Ministro Residente em Argel ou do governo em Paris. Com efeito, o primeiro princípio, aquêle da determinação e o segundo, o do "bloqueio" do processo revolucionário pela ação das Forças da Ordem, onipresentes são, sobretudo, de importância no escalão estratégico.

Convém agora voltar a onipresença das Forças da Ordem. Estas, nós vimos, compreendem todos os meios de que a autoridade dispõe para a luta. Durante as duas primeiras fases da guerra revolucionária, o exército desempenha um papel discreto e o sucesso depende essencialmente da administração que dispõe de seus meios normais. (embora o exército já possa ajudar consideravelmente em particular no ultramar, pelas possibilidades de "presença" e ação psicológica que seus efetivos permitem). Porém se a terceira ou mesmo a quarta fase foi atingida,

(\*) Cada uma das grandes divisões administrativas do território francês.

a tarefa do exército, na missão de pacificar, torna-se muito importante; não se pode mais dispensá-la por isso que a onipresença das Fôrças da Ordem só pode ser assegurada por meio dos seus efetivos.

Uma grave falta deve, então, ser evitada: dispersar exageradamente os efetivos. Se a densidade das tropas não fôr suficiente em determinada zona, a população dessa zona continuará efetivamente a se corromper e a presença das nossas Fôrças tornar-se-á antes prejudicial que útil; uma região que foi conquistada pela Revolução apesar da presença de nossas fôrças será muito mais difícil de ser reconquistada, depois. Em tática e, principalmente em estratégia, um problema se apresenta imediatamente: *qual a área que pode ser adotada como objetivo de pacificação com os efetivos de que dispõe?*

A resposta é diferente para cada caso particular. A densidade de tropas necessária ao esquadrinhamento deve, com efeito, ser apreciada antes de tudo em relação à densidade da população, porém, deve também ser função da superfície a cobrir, da natureza do terreno, da fôrça do inimigo, do estágio atingido pela subversão e, finalmente, da qualidade e do grau de adaptação das tropas empregadas no país e da sua missão. Em muitos casos não se dispõe de efetivos necessários para empreender, numa única tentativa, a pacificação em todo o território ameaçado. É preciso, portanto, empregar o método bem conhecido da "mancha de óleo" ou processos como o da criação de zonas interditas e o reagrupamento das populações. Porém é essencial jamais perder de vista o grave perigo que haverá em deixar à inteira disposição do inimigo "zonas liberadas", sobretudo se são regiões ricas em recursos humanos e materiais ou se são vizinhas de países estrangeiros que favorecem à subversão.

Uma regra — a única — própria à estratégia, prescreve de fato *isolar o mais possível do exterior o território onde a guerra revolucionária se faz com violência* (14º princípio). Materialmente, de início, porque a ajuda que a Revolução recebe do exterior lhe permite apressar o desenvolvimento do seu processo. Moral e psicológicamente depois, porque o apoio moral que os insurretos recebem do exterior prolonga sempre a luta e a torna mais mortífera (12). Inversamente, a ação revolucionária no exterior se beneficia do que se passa no teatro de operação (13). Como muitas vezes é mais fácil isolar um território ameaçado do que

(12) Em alguns setores da Argélia os oficiais de informações resumem a evolução da suversão indicando o número de exemplares de um grande jornal diário da Metrópole que é vendido em sua zona: — "Aqui a coisa vai mal, a venda de... aumentou; aqui a coisa vai melhor, a venda de... baixou".

(13) A interação da revolução local e do partido da revolução mundial (mais precisamente de todas as fôrças revolucionárias) se manifesta de maneira evidente a propósito da campanha "pela paz da Argélia". O PC e seus auxiliares da Metrópole e da União, os Estados comunistas e árabes no Mundo trabalham pelo êxito da F.L.N.: este aspecto do problema é evidente. Porém inversamente, e isto tem sido menos assinalado, eles se servem desta campanha para aumentar sua audácia e fazer crescer sua influência em todos os países e em todos os organismos internacionais.

conduzir uma luta eficaz contra os aliados externos da Revolução, essa providência deve sempre ser aplicada, sem que para isso se despreze o segundo ponto.

Porque a luta não é limitada ao teatro de operações. Sob sua forma não violenta, porém insidiosa, ela envolve tôda a União Francesa, o Mundo inteiro. Da mesma forma que na Argélia, existem atualmente zonas "corrompidas", setores disputados e regiões intactas ou já pacificadas que devem ser preservadas, o conjunto da União compreende territórios "intactos" onde o inimigo desenvolve, com dificuldade, sua primeira fase, províncias mais atingidas onde ele já está na segunda fase e, enfim, a Argélia onde ele atingiu a terceira. Constatamos que a rebelião nesta Província não tem mais possibilidades de passar à quarta fase e de vislumbrar a vitória no plano local. Porém, a vitória pode ser obtida na Metrópole; os representantes da revolução atuam ativamente lá, ajudados pelo partido comunista e seus auxiliares. A própria revolução é apoiada também nos setores diplomáticos; moral e algumas vezes materialmente pelo Marrocos e pela Tunísia (14), pelos Estados comunistas e seus aliados. A menor sublevação de uma tribo oculta da África é da mesma forma apoiada por todos os inimigos interiores da Nação, pela Liga Árabe, pela URSS e seus satélites, etc. (15). Torna-se portanto muito difícil, em todos os numerosos casos, dominar tais revoltas sem conceber e aplicar uma estratégia contra-revolucionária na escala da União Francesa.

Finalmente, a longo prazo, a União não se pode salvar sózinha. Apesar de certas dificuldades que não devem ser subestimadas, o partido da revolução mundial realiza uma estratégia única. Sua derrota exige, portanto, de nosso lado outra definição e aplicação de *estratégias locais e nacionais*, e de uma *estratégia ocidental*.

As regras do combate contra a revolução totalitária estão, portanto, desde já, conhecidas. Quer se trate de estratégia no mais alto escalão ou de tática relativa a um distrito ou a um bairro, é suficiente compreender que o objetivo da guerra é a adesão da população e que esta não pode ser conquistada (ou ser conservada) senão com a realização de uma estratégia e de uma tática realmente gerais, combinando em cada escalão os meios de tôda natureza para realizar uma única idéia de manobra.

É, porém, essencial compreender perfeitamente a interação da estratégia e da tática. Se a União Francesa é hoje especialmente atacada é porque ela representa um adversário digno de escolha, enfraquecido por seus "antagonismos internos" de tôdas as espécies, cuidadosamente corrompida e explorada há vários anos; dessa forma é que diversos reveses têm dado uma aparência de verdade ao mito do "determinismo

(14) Com nuances.

(15) Os acontecimentos da Sanaga marítima (Camerum) devem merecer tôda nossa atenção. Lá, estamos em presença da primeira revolta verdadeiramente comunista na África e ela se efetua em estreita ligação com a subversão pan-árabe organizada no Cairo.

histórico", uma indubitável atenção ao derrotismo. A ação dos nossos inimigos tem, assim, dado origem a esse paradoxo: no momento em que as oportunidades da França são maiores do que jamais foram, graças à sua nova demografia, às suas riquezas em fontes de energia (16), franceses entre os melhores, chegam a duvidar do futuro. No momento em que a Rússia, a Índia, a China e mesmo os Estados Unidos ampliam seus impérios, em que novos e violentos imperialismos se revelam (17), em que a Europa só cuida de si, em que um pequeno Estado como Portugal prova, cada dia, a coesão da comunidade de várias raças que ele fundou, os franceses foram tão bem trabalhados que vozes se elevam para proclamar "a irremediável desagregação dos impérios" e pregar a retirada voluntária para o hexágono... Insucessos táticos são assim a causa de uma mediocre situação estratégica.

Uma oportunidade única se apresenta a nós para inverter esta situação. É claro que se o partido da revolução mundial e seus aliados forem impedidos de atuar na Metrópole, a Argélia será salva e "a fortiori" o resto da União. De modo inverso se a Argélia fôr pacificada, o falso ídolo do determinismo histórico será derrubado, o derrotismo será desfeito, a União reencontrará sua autoridade moral e econômica, o prestígio do Exército Francês será assim restabelecido com mais solidez do que nunca (18).

O futuro da França dependerá, portanto, da inteligência e da vontade, com as quais, em todos os escalões, forem executadas a estratégia e a tática contra-revolucionárias. Doutrina e regulamentos são apenas uma base; o sucesso se apóia principalmente na sua enérgica e hábil aplicação:

"A guerra é uma arte simples e só de execução."

#### OS PRINCÍPIOS DA TÁTICA ANTI-REVOLUCIONÁRIA

1º — "Tratar de igual para igual *com um movimento revolucionário totalitário não pôe fim ao seu designio; facilita e ajuda seu sucesso.*

2º — "Todo território onde se realiza uma revolução armada deve ser isolado moral e materialmente do exterior, ao máximo possível".

3º — "O processo da guerra revolucionária pode ser bloqueado tanto mais facilmente quanto mais cedo fôr combatido. Esta batalha de contenção se apóia na onipresença permanente das Forças da Ordem (*no sentido amplo*)".

(16) Urânia na Metrópole; petróleo e hidroeletricidade no ultramar.

(17) Imperialismo egípcio; indonésio, marroquino...

(18) Quem não percebe que o "reinício" da guerra na Argélia seria efetivado de maneira decisiva, no dia em que os rebeldes deixassem de ser encorajados, ajudados por alguns franceses da França, no dia em que as populações argelinas tivessem finalmente certeza de que a França não capitularia, nem jamais se abandonaria aos seus algozes? Se os rebeldes precisam, no ambiente atual de incerteza, assassinar cada mês centenas de muçulmanos para tentar assegurar o controle da população, é claro que uma esmagadora maioria de argelinos se revolvaria contra a F.L.N. se nossa vontade de permanecer e de vencer fosse retumbante, convincente.

4º — “A conduta da luta contra a revolução totalitária só se pode conceber como a aplicação de uma estratégia e de uma tática da mesma espécie, verdadeiramente gerais (no sentido “civil-militar” e não mais “interarmas”), combinando em todos os escalões os meios de toda natureza, políticos, psicológicos, administrativos, econômicos, sociais, culturais, militares, tendo em vista conservar (ou reconquistar) o apoio popular ao governo legal e, simultaneamente, destruir a organização e as forças armadas revolucionárias.

A aplicação deste princípio essencial implica na realização da unidade de comando (no mínimo moral e intelectual), da unidade de informação, da ação psicológica, etc.”.

5º — “A vitória contra a revolução totalitária, armada ou não, se apóia, antes de tudo, na destruição da “organização” político-administrativa-militar revolucionária. Esta “organização” deve ser considerada como o verdadeiro inimigo”.

6º — A conquista (ou a conservação) de um amplo apoio popular é ao mesmo tempo o objetivo das autoridades legais e um meio essencial à vitória”.

7º — “A conquista (ou a conservação) do apoio popular, se baseia:

a) Na conquista psicológica da população (ou na conservação da sua adesão moral). Esta se fundamenta de uma parte na exploração das contradições ideológicas da Revolução e de outra Fé nos conceitos universais da civilização e na difusão desses conceitos”.

b) No aperfeiçoamento contínuo da ordem antiga objetivando uma ordem nova capaz de consolidar as esperanças da população.

c) Na organização do meio. Esta organização deve, em caso de necessidade e onde for preciso, tomar provisoriamente uma forma militar adaptada à organização civil (autodefesa). Sob sua forma de autodefesa em particular, esta organização será tanto mais sólida quanto mais ela estiver de acordo com o desejo da população e quanto mais ela for encorajada por personalidades enérgicas e indubitáveis.

8º — “A destruição das forças armadas revolucionárias não é um fim porém, antes de tudo, um meio para conquistar o apoio popular”.

9º — “A destruição das forças revolucionárias pseudo-regulares não pode ser obtido apenas por meio do combate. Porém é possível “sufocá-las” e forçá-las a retornar à guerrilha, ocupando em força as zonas onde elas possuem seus recursos humanos e materiais”.

10º — “O único método para reduzir as guerrilhas à impotência e, em seguida, fazê-las desaparecer consiste (antes retirando-lhes pouco a pouco o apoio da população) em esgotá-las moral e fisicamente assediando-as permanentemente com unidades adequadas em qualidade e em quantidade, que atuam sempre na mesma zona e entre a mesma população que conhecem perfeitamente”.

11º — “A segurança dos eixos e pontos sensíveis em uma zona de guerrilha repousa, antes de tudo, não em uma proteção estática, sempre aliatória, porém na criação de uma insegurança constante para as guerrilhas”.

## DOCTRINA MILITAR NACIONAL

*"O problema é diferente para cada país, dependendo de ser ele uma grande potência industrial, ter as novas armas e de quanto a política e a administração estão ligadas às necessidades das grandes massas. Tudo isso influencia a elaboração final de uma doutrina e o estabelecimento dos princípios a que o país e suas forças armadas obedecerão na guerra. Por esse motivo, as doutrinas oficiais e semi-oficiais e a reorganização dos exércitos dos diferentes países em geral revelam o verdadeiro aspecto da situação interna e externa."*

General VIKTOR BUBANJ, ex-iugoslavo

## DOCTRINA E TÉCNICA

*"O passo de sete léguas dado pela tecnologia possivelmente permitiu maior progresso nos últimos 15 anos do que nos 15 séculos anteriores. Esta constatação torna bem claro que o progresso científico e tecnológico, para criar novo equipamento, é mais fácil de conquistar, muitas vezes, do que o progresso doutrinário, isto é, o desenvolvimento de novas concepções e sua integração completa como componente do poder de combate. A causa é que a complexidade crescente da evolução doutrinária, com seus valores humanos e éticos, períodos de elaboração e opiniões divergentes, é normalmente terreno mais difícil de desbravar do que o dos problemas de laboratório ou de fábrica. O progresso doutrinário também é mais complexo do que o tecnológico porque o pensamento profissional militar não se pode limitar ao material, com exclusão de novas táticas e idéias mais ou menos independentes daquele — as ligadas à chefia, os problemas de moral, comunicações, psicologia e organização. A sobrevivência nacional impõe o aproveitamento da tecnologia no máximo grau possível.*

*Em consequência, o militar profissional deve continuamente procurar hoje trocar o manto da praxe e da suficiência por uma busca incessante de respostas realistas e práticas aos problemas de amanhã."*

Gen Div LIONEL C. McGARR, Cmt ECUME/EUA

HOMENAGEM AO SESQUICENTENÁRIO  
DA  
ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS



EMILIO LUIZ MALLET — PATRONO DA ARTILHARIA